

(DES)CONEXÕES E (DES)ENCONTROS EM TEMPOS DE REALIDADE VIRTUAL

Luciano Lírío

Chamou-me a atenção o nome da série: *Espelho Negro*.

Diante de um espelho negro não vemos a nossa imagem. A imagem refletida pelo outro, no olhar, em uma expressão facial, em uma palavra, não acontece. Algo que revelaria um instante da relação com o outro, do vínculo: encontro/desencontro; antipatia/empatia; familiar/estranho.

Se não volta nada do outro, o que se passa entre ambos?

Há um sistema de valores que predetermina o instante.

É o que veremos nesses dois episódios sobre os quais escrevo hoje.

Comuns aos dois episódios

Os dois episódios tratam de como a tecnologia ligada à inteligência artificial e a automação repercutem no desenvolvimento do ser humano. Até que ponto o casamento entre máquinas, seres humanos e ciberfísica poderá ser harmonioso?

É inegável que os avanços tecnológicos têm nos permitido muitos ganhos. No campo da saúde, do conforto, das comunicações,

O texto é fruto da participação do psicanalista Luciano Lírío no debate promovido pela Comissão de Comunidade e Cultura da Sociedade de Psicanálise de Brasília no segundo semestre de 2019, quando se conversou sobre a série *Black Mirror*, em especial os episódios “Nosideve” e “Hang de DJ”.



Mas, há um campo de tensão entre o conhecimento científico, que supomos ilimitado, como também suas consequências na vida de todos nós. Quais os limites éticos? As descobertas da ciência devem ficar livres de qualquer restrição moral, religiosa ou filosófica? Como avaliar se elas são destrutivas e se constituem uma ameaça à sobrevivência da espécie humana, ou à subjetividade?

Temos uma relação de fascínio e medo com os avanços da inteligência artificial. O filme *2001 - Uma Odisseia no Espaço* é uma ficção que trata dessa ameaça, o supercomputador com vontade própria se sobrepõe ao humano.

Já nesses episódios, temos conjecturas sobre um tempo não muito distante, cujos sinais já se fazem presente. Atualmente, as perspectivas são de que num prazo de 5 anos os robôs farão as atividades repetitivas, eliminando 54% dos empregos. Quando da revolução industrial já passamos por algo semelhante, mas não com a intensidade que visualizamos



agora que o planeta tem cerca de 8 bilhões de humanos.

Na verdade, o que sabemos é que é impossível barrar esse desenvolvimento, e que não temos como prever as consequências. Temos que conviver com esse desconhecido.

A consciência da mortalidade e o medo da morte são constitutivos do humano. Nós nos preocupamos com as condições do nosso planeta e temos medo da extinção da espécie humana: o aquecimento global, uma guerra atômica, a colisão de um meteoro, invasões alienígenas.

Aqui, estamos pensando a extinção do humano sob outro vértice, a perda do humano em nós. A perda da subjetividade e consequente alienação. Perda da capacidade de desejar, sonhar e ter pensamento próprio.

Mas e o que podemos fazer?

Tudo o que nos trouxe para uma maior sintonia conosco em termos de escuta do desejo, das fantasias, enfim, da singularidade, nos fortalece nesse embate.

Nosedeve

– Episódio 1 da 3ª Temporada

Destaco a prevalência da imagem, do parecer em relação ao ser.

Spoiler/Resumo: A protagonista mora com o irmão, e está ávida por subir de status. Ela quer uma casa alto padrão. Está disposta a fazer tudo para conseguir, mas para isso precisa elevar a sua nota de 4.2 para acima de 4.5. Ela consulta o coach: precisa de ótimas avaliações de pessoas 5.0. Publica a foto de um bonequinho e tem ótima avaliação dessas pessoas. Uma amiga de criança vê o seu post e a convida para o seu casamento onde estariam pessoas acima de 4.6. É sua grande chance de entrar para o seleto grupo de 5.0. Mas a viagem para o casamento lhe traz péssimas surpresas. Chegando ao aeroporto é informada que o seu voo foi cancelado, e por não ter uma nota mais alta, perde seu lugar em um outro voo que lhe permitiria chegar a tempo. Ela protesta diante de uma funcionária indi-

ferente às suas angústias. Mas no sistema vigente, é inaceitável expressar revolta, reclamar direitos. Sua nota é rebaixada mais ainda. Daí em diante, é a derrocada. Resolve fazer o trajeto por terra, e no caminho o carro pifa. Recebe ajuda de pessoas que estão fora do sistema, mas manifesta seu preconceito e até desprezo por elas. No caminho, apesar de tudo, ficava imaginando que sua grande chance seria fazer um belo discurso na cerimônia e causar tão boa impressão que conseguiria recuperar sua boa nota.

Mas chega ao casamento completamente mal vestida e com as marcas das batalhas perdidas. É rejeitada por todos. Na cerimônia, se revolta e diz tudo o que é inconveniente para o momento. A personagem tem a nota rebaixada e termina sendo presa.

Sobre o sistema

Trata-se de um sistema social que valoriza a imagem acima de tudo. A depender da nota, ou seja, da imagem que a pessoa passa para os outros, terá todas as vantagens e privilégios. A pessoa tem que parecer, não importa ser. Tudo muito bonito, polido, asséptico, as pessoas aparentemente super amáveis, mas subjaz uma imensa violência. As pessoas usam seus celulares como arma para jogar o outro no lixo, quando esse outro ousa reclamar, reivindicar direitos desrespeitados. Um simples click é a descarga do sadismo. É um sistema perverso que escolhe quem vive e quem morre, quem pode viajar, ter crédito, ter amigos.

O reconhecimento dos méritos é baseado na idealização de uma imagem que não corresponde à verdade da condição humana. A valorização da aparência e a submissão a uma etiqueta distancia a pessoa dela mesma, trazendo o risco de robotização. No episódio vimos que algo de uma vitalidade emocional foi preservado, e a personagem se libertou do faz de conta deixando de se submeter aos padrões de prestígio. Revoltou-se, chutou o pau da barraca, e causou um imenso constrangimento à corte. Ela queimou o seu filme,

e, somente a título de imaginação, podemos indagar o que resultaria disso. A experiência de frustração poderia ser transformada em crescimento emocional? Teria uma reserva narcísica que lhe permitiria viver sem se sentir infeliz; ou ficaria vazia de si mesma sentindo-se uma perdedora para sempre?

Sobre a constituição do sujeito e a importância do outro na sua constituição.

Por que é tão forte a necessidade de aprovação e de reconhecimento do outro?

Somos constituídos a partir do outro, do olhar do outro, mas também nos constituímos a partir da diferenciação, da desidentificação. Winnicott e Lacan nos dão importante contribuição, e falam de experiências do início da vida. Lacan fala do “Estádio do espelho”: a criança por volta do sexto mês de vida se reconhece na imagem no espelho e pode ver a mãe fora e diferente dela. Essa imagem antecipa para a criança um estado de integração diferente das vivências de fragmentação na relação mente e corpo. Mais tarde Lacan dará menos ênfase à sensorialidade do olhar para valorizar a palavra, os sons emitidos pela mãe que ele vai chamar de tesouro de significantes. O inconsciente é constituído a partir desses significantes. Winnicott vai falar da importância do olhar da mãe como um espelho, cuja imagem retorna para a criança ativando dentro dela percepções, sentimentos, emoções que estão em estado potencial. Green fala da “mãe morta”, deprimida como origem de lacunas profundas no desenvolvimento emocional da criança, que não pode se reconhecer no olhar opaco da mãe.

Penso que podemos entender a viagem da personagem como uma metáfora: a árdua viagem que todos nós temos de empreender para ter um quanto de autonomia em relação ao julgamento do outro, e do meio social, no processo de desidentificação.

Mas essa passagem do narcisismo para a alteridade implica um passo muito especial,

implica em lidar com limites, com as diferenças, suportar angústias, respeitar no outro o direito de existir com as suas diferenças e divergências sem acreditar que ele existe para nos atender.

No caso da protagonista do episódio, uma mudança foi se processando. Ela faz um discurso que é, certamente, bem diferente do que havia planejado. É um desastre do ponto de vista do sistema, mas um desabafo de quem já não suporta ser escrava do julgamento do outro.

Vemos, ao longo da narrativa, que nem todos estavam dominados pelo sistema: a motorista; as pessoas do ônibus. A pressão do sistema de notas era forte, mas não absoluta.

Algumas pessoas conseguiram um bem estar fora do sistema, e conseguiram sobreviver, prevalecendo a subjetividade, a escolha de serem elas mesmas, sem desconhecer as suas emoções.

Tempos atuais – a imagem e o sistema dominante

A ficção se refere a um tempo futuro ou podemos reconhecer sua presença em nossos dias? Qual o passaporte para comunidade dos eleitos? O que hoje se compara a nota acima de 4.5? Os likes das redes sociais? O número de amigos no Facebook? De seguidores dos blogs? A grife, o modelo do carro, do celular? Já existe o sistema que decide quem vai viver ou morrer. É o que nos dizem as taxas de mortalidade em relação a cor da pele e a orientação sexual. A meritocracia é questionada pela desigualdade das oportunidades.

Hang the DJ – Episódio 4 da 2ª Temporada

No primeiro destaquei a prevalência da imagem. Neste, destaco o desejo de não precisar pensar, a entrega alienante a sistemas que esmagam a subjetividade.

Spoiler/Resumo: Os jovens tinham encontros marcados pelo “Sistema”. Horário,

restaurante, duração do encontro e até a comida. As dúvidas eram respondidas pelo sistema. Ao final o Sistema escolheria o parceiro certo e seriam felizes. Pairava uma ameaça: quem contrariasse o Sistema seria expulso deste suposto paraíso. O modo de vida fora dos muros não aparece. Dois jovens se apaixonam, decidem contrariar o Sistema e fugir pulando o muro. No momento em que estão escalando as luzes se apagam. Depois os dois estão juntos dando a entender que o sistema havia escolhido que eles ficariam juntos.

O sistema estava certo?

O sistema proporciona o conforto sensorial máximo, sem conflitos, sem angústia. As pessoas não precisavam escolher nem o que iriam comer, nem quem iriam amar. O sistema sabe e vai escolher o melhor para cada um. É uma entrega alienante. Além da atração pelo não pensar, temos que considerar a força de sistemas de poder que buscam abolir a capacidade de pensar das pessoas, para se perpetuar, então precisamos resistir. Dupla resistência.

Mas como no outro episódio, isso não é tratado pelo escritor como um destino inexorável. Prevaleceu a capacidade de se escutar e de lutar pelo próprio desejo. Mesmo não sendo fácil desafiar o sistema. Ele não é só eficaz em atender os desejos, ele também exige fidelidade, submissão. A pessoa fica prisioneira, ameaçada de morte se quiser sair.

Podemos também fazer um exercício de pensar em que medida isso acontece no presente. É mais fácil crer do que pensar? E quanto à entrega aos sistemas, sejam eles a moral vigente, as ideologias, a religião, e a tudo que pode se vivido de forma dogmática, sem pensamento crítico? Pensar dá trabalho! Você tem que encontrar a sua medida. Mas é um caminho que se faz, quando se pode viver o luto da continuidade da infância, da idealização dos pais, e da ilusão da existência desse outro que vai para sempre nos completar e proteger.

Recursos psíquicos desenvolvidos desde o início da vida, na medida em que a criança é reconhecida e respeitada em suas emoções e ideias, favorecem a resistência à alienação, à massificação e à submissão aos sistemas.

Enfim

A questão proposta pela mesa e os episódios sugeridos nos remetem à complexidade do tema. Não podemos demonizar o desenvolvimento tecnológico, mas pensar o uso que fazemos dele.

A psicanálise, as ciências sociais, a filosofia, as artes e a literatura precisam formar uma rede suficientemente forte para influenciar o uso do conhecimento em benefício do ser humano como um todo, isto é, preservar a subjetividade e dignidade de cada pessoa, independentemente do sexo, cor, nacionalidade, orientação sexual. Conciliando o desenvolvimento tecnológico e desenvolvimento humano.



Luciano Lirio é psicanalista e psiquiatra, membro titular da Sociedade de Psicanálise de Brasília e professor titular do Instituto de Psicanálise Virgínia Bicudo.